

O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE DO CONSUMO A PARTIR DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL DE FOUCAULT

¹João Luís Carvalho Meneses

²Eloise Helena Livramento Dellagnelo

ABSTRACT

Neoliberal thinking has had consequences for most Western societies. One of them was the wide dissemination of the notion of the individual as a business: the notion of the individual who must manage himself, as fully and directly responsible for his actions, virtues and failures. That said, this article aims to discuss the relationship between consumption, subjectivation processes, and the way of life proposed by neoliberal governmentality, based on the discussions held by Polish sociologist Zygmunt Bauman and the theoretical contribution of Foucault. Thus, by analyzing the concepts and arguments of the authors cited, one can see that in neoliberal governmentality, truth is produced following the mercantile logic.

RESUMO

O pensamento neoliberal teve consequências para a maioria das sociedades ocidentais. Uma delas foi a ampla difusão da noção do indivíduo como sendo uma empresa: a noção do indivíduo que deve gerir a si próprio, como responsável total e direto pelas suas ações, virtudes e fracassos. Posto isso, este artigo tem como objetivo discutir a relação entre consumo, processos de subjetivação e o modo de vida proposto pela governamentalidade neoliberal, tendo por base as discussões realizadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o aporte teórico de Foucault. Com isso, analisando os conceitos e os argumentos dos autores citados percebe-se que na governamentalidade neoliberal a verdade é produzida seguindo a lógica mercantil.

RESUMEN

El pensamiento neoliberal ha tenido consecuencias en la mayoría de las sociedades occidentales. Una de ellas fue la amplia difusión de la noción del individuo como empresa: la noción del individuo que debe administrarse a sí mismo, como responsable total y directo de sus acciones, virtudes y fracasos. Este artículo pretende discutir la relación entre el consumo, los procesos de subjetivación y el modo de vida propuesto por la gubernamentalidad neoliberal, a partir de las discusiones del sociólogo polaco Zygmunt Bauman y de la aportación teórica de Foucault. Así, analizando los conceptos y argumentos de los autores citados, se puede ver que en la gubernamentalidad neoliberal, la verdad se produce siguiendo la lógica mercantil.

¹Graduado Administração pela Universidade Federal do Piauí

²Docente pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutorado Universidad Autónoma Metropolitana - Iztapalapa, UAM, México. Grande área: Ciências Sociais Aplicadas

1 - INTRODUÇÃO



Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre consumo, processos de subjetivação e o modo de vida proposto pela governamentalidade neoliberal, tendo por base as discussões realizadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o aporte teórico de Foucault.

A partir dessas considerações, o presente trabalho pretende responder como se dá o processo de subjetivação do indivíduo na sociedade do consumo a partir da governamentalidade neoliberal de Foucault.

A origem dessa pergunta de pesquisa surgiu após a leitura da dissertação de Tássia Grüdner Babilio, que em seu trabalho de dissertação busca compreender como se dá a relação de dominação sobre os indivíduos no interior de uma organização, e para isso utilizou-se o aporte teórico foucaultiano, em especial o conceito de governamentalidade neoliberal. Uma outra inspiração foi o livro *Vida para Consumo* do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que descreve a nossa sociedade como uma sociedade de consumidores, isto é, na sociedade de consumo há uma tendência de transformação das pessoas em mercadoria.

Para dar conta dessa questão, em primeiro lugar alguns conceitos de Foucault serão recorridos, como a reflexão foucaultiana sobre governamentalidade, o processo de subjetivação, a passagem do liberalismo para o neoliberalismo, a inteligibilidade entre outros conceitos do quadro teórico do autor. Em seguida, será apresentada uma análise feita por Zygmunt Bauman sobre a contemporaneidade a partir da concepção de uma sociedade de consumidores, que ocorre nas

relações entre os consumidores e os objetos de consumo, tendo como ideia central de que esta sociedade acaba transformando as pessoas em mercadorias.

2 - SÍNTESE ANALÍTICA



O ponto de partida dessa discussão é o entendimento de governo, governamentalidade e subjetivação na perspectiva de Foucault. Segundo Burchell et al. (1991) apud Alcadipani, Foucault se interessou pelo governo como atividade ou prática para tentar compreender no que elas consistem e como são realizadas. É neste contexto que ele discute a noção de governamentalidade, que concerne à natureza da prática de governar, cuja característica fundamental seria uma prática de soberania política que busca governar as pessoas em conjunto ao mesmo tempo em que se preocupa com cada indivíduo, ou seja, uma gestão que procura ser totalizante e individualizante ao mesmo tempo.

Em outras palavras, segundo Babilio (2018) essa arte de governo que Foucault (2008a) nomeou governamentalidade pode ser traduzida como o conjunto formado pelas instituições, os procedimentos, as análises, as reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer uma forma específica de poder que tem como alvo a população; que tem na economia política a principal forma de saber e nos dispositivos de segurança os instrumentos técnicos essenciais para seu funcionamento.

Assim, Foucault (1979h) citado por Alcadipani atribui três sentidos ao termo governamentalidade: (1) o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, cálculos, reflexões que permitem exercer uma forma específica de poder que têm por alvo a

população, por forma de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança; (2) a tendência que conduziu, em todo o Ocidente, ao predomínio de um tipo de poder chamado governo sobre todos os outros (a soberania, a disciplina) e (3) o resultado de um processo por meio do qual o Estado de justiça da Idade Média se tornou, nos séculos XV e XVI, Estado administrativo, e foi pouco a pouco governamentalizado.

De acordo com Basilio (2018), este último sentido foi a tendência ou a linha de força que no Ocidente levou esse tipo específico de poder, o governo, a uma posição superior aos outros regimes (soberano e disciplinar) e que trouxe consigo o desenvolvimento de uma série de práticas de poder e um composto de saberes.

Para Foucault (2008a; 2008b) apud Basilio, como um regime de poder que se exerce sobre os homens, o governo não tem a ver exclusivamente com o Estado, mas com todo um conjunto de artifícios e saberes que levam à produção e à normalização de uma racionalidade específica. Conforme Foucault (2008a) apud Basilio, o próprio termo governo, além do significado propriamente político, abrange um vasto domínio semântico, dentre os quais se refere ao controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros: “quem é governado são sempre as pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades [...] nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política (p.47)”

Consoante Foucault (2006) citado por Basilio, o governo dos homens, portanto, é uma arte de condução de vida, de condução de condutas que não possui um núcleo fixo do qual se emana uma ordem a ser obedecida, mas se formula como um campo estratégico de relações de poder formadoras de saber e verdade que sutilmente são

interiorizadas no pensar e agir humano . A verdade não está fora do campo de poder, ela é formada e significada em seu interior.

O conceito de verdade para Foucault (1995) apud Basilio não quer dizer o conjunto de coisas verdadeiras que devemos descobrir ou fazer aceitar, mas o conjunto de regras segundo as quais separamos o que é verdadeiro e o que é falso e atribuímos ao falso efeitos específicos do poder. Portanto, essa verdade, esse conjunto de regras sobre o que é ‘falso ou verdadeiro’, o que é ‘correto ou incorreto se concretiza na ação humana pelo que Foucault (2008a) apud Basilio chamou de processo de subjetivação, de produção de subjetividades, e é por meio dos processos de subjetivação das verdades instituídas no campo das relações de poder que operam os regimes de governamentalidades. O sujeito é subjetivado pela produção da verdade que lhe é imposta; é individualizado, é objetivado e é exposto à verdade de um dogma “no momento em que extorpe o segredo da sua verdade interior”.

De acordo com Fonseca (2001) e Gordon (1991) apud Alcadipani por volta da metade do século XVIII, houve uma alteração importante nas formas de governamentalidade ocidental. Esta transformação consistiu no aparecimento de uma limitação da arte de governar, no que dizia respeito às políticas internas adotadas pelos Estados. O instrumento da transformação foi a economia política, e o seu resultado foi uma nova governamentalidade, denominada liberalismo. Segundo Burchell et al. apud Alcadipani, Foucault compreendeu o liberalismo não como um simples conjunto de doutrinas de teoria política e econômica, mas como um estilo de pensar uma arte de governar. Para o pensador, o liberalismo foi uma transformação na relação entre saber e governo.

Consoante Alcadipani (2008), nessa nova governamentalidade liberal, o modelo econômico tornou-se o principal referencial e instrumento da prática governamental. O mercado passou a ser visto como o local e o mecanismo de formação da verdade sobre o Estado e sobre a função de governar. Assim, a idéia fundamental era: deixando o mercado atuar de acordo com a sua naturalidade, iria se obter a verdade sobre a maneira como se deveria governar (Fonseca, 2001 apud Alcadipani, 2008, pg. 102).

Outro tópico importante para o entendimento da questão de pesquisa é a passagem do liberalismo para o neoliberalismo, de acordo com a perspectiva de Foucault, visto que servirá para identificar vários conceitos que o filósofo elaborou para descrever e problematizar as práticas sociais da Modernidade.

Após a discussão da governamentalidade liberal, Fonseca (2001) e Gordon (1991) apud Alcadipani, apontam que Foucault passou a discutir outro exemplo de “arte de governar”: a governamentalidade neoliberal. De acordo com Fonseca (2001) e Gordon (1991), ela se dividiria em duas: o neoliberalismo alemão, personificado nas ideias dos teóricos da escola de Friburgo, e o neoliberalismo americano, personificado nas ideias dos teóricos da escola de Chicago. Na Alemanha, a governamentalidade neoliberal surgiu como crítica ao nazismo e à reconstrução do Estado alemão no pós-guerra. O neoliberalismo americano, por sua vez, estava relacionado à política do New Deal. Para Foucault, essas são as duas principais formas de neoliberalismo assumidas em nossa época. A governamentalidade neoliberal surgiu como resposta à crise do liberalismo desencadeada por algumas situações concretas e as respostas dadas a tais situações (Fonseca, 2001; Burchell et al., 1991 apud Alcadipani, 2008, pg. 103).

O pensamento neoliberal teve conseqüências para a maioria das sociedades ocidentais. Uma delas foi a ampla difusão da noção do indivíduo como sendo uma empresa: a noção do indivíduo que deve gerir a si próprio, como responsável total e direto pelas suas ações, virtudes e fracassos. Ocorreu, assim, uma capitalização do significado da vida (Burchell et al., 1991 apud Alcadipani, 2008, pg. 103). Basilio (2018) ressalta que a teoria do capital humano, representa dois processos inéditos que ocorreram concomitantemente à consolidação da governamentalidade neoliberal: um que podemos chamar de incursão da análise econômica em campos até então inexplorados, e o outro que podemos chamar de uma reinterpretação estritamente econômica dos fenômenos a partir desta grade de análise, como ocorreu, dentre tantos outros fatores, com a noção de trabalho. Nessa perspectiva, o neoliberalismo dá nova significação à noção do homo o economicus, que não é mais aquele figurante dos processos de troca. O homo o economicus que o neoliberalismo traz à superfície é a noção de um homem que é empresário de si mesmo, que é ele próprio o seu capital, sendo para si mesmo seu produtor e sua fonte de renda. O homem do consumo agora é o produtor e o consumidor de sua própria satisfação (FOUCAULT, 2008b, apud Basilio, 2018, pg. 57)

De acordo com Birochi e Fontoura, além de ser compreendido como um consumidor, no neoliberalismo o sujeito deixou de ser pensado como um cidadão social e passou a ser compreendido como um cidadão-empresa. Ele passou a ser compreendido como um detentor de capital humano, capitalista de si, um empresário de si. Esse modo de governo de si empresarial constitui sujeitos que se compreendem como alguém cujas decisões se assemelham a decisões da empresa, procurando obter a máxima

eficiência, voltadas para o mercado, e a partir de critérios de competição e concorrência. Buscando ampliar seu capital humano (o que possibilita maiores oportunidades no mercado de trabalho e consequente aumento da renda-receita), o sujeito procura ‘investir’ tempo e dinheiro naquilo que pode fazer crescer seu capital humano, principalmente por meio da educação continuada. (LÓPEZ - RUIZ, 2004 apud Birochi e Fontoura).

A concepção de capital humano, de trabalho, de satisfação, e de vastos outros elementos da vida humana se inserem a partir da programação neoliberal em uma grade de análise estritamente econômica. É justamente por esta lente que o neoliberalismo americano se apresenta com um patamar mais avançado, radical e rigoroso do ordoliberalismo. Não se trata apenas de compartimentalizar a vida em sociedade a partir de um modelo empresarial, mas de aplicar a forma econômica do mercado a todo o sistema social e generalizá-lo de maneira mercantil (FOUCAULT, 2008b apud Basilio, 2018, pg. 58). Essa generalização absoluta e ilimitada do mercado no tecido social acarreta uma série de consequências na ação humana (BASILIO, 2018).

Uma dessas consequências é a aplicação do princípio de inteligibilidade nas relações sociais e no comportamento individual, o que significa que o padrão do mercado ‘oferta e procura’ serve como esquema que se aplica a campos não econômicos. E graças à aplicação desse princípio de inteligibilidade é possível revelar em relações e comportamentos não mercantis (como o casamento, a educação, a criminalidade, a doença, etc.) uma relação inteligível (FOUCAULT, 2008b apud Basilio, 2018, pg.58).

A diferença mais marcante seria que, enquanto no liberalismo a liberdade do mercado era entendida como algo natural, espontâneo, no sistema neoliberal a liberdade deve ser

continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição. O princípio de inteligibilidade do liberalismo enfatizava a troca de mercadorias: a liberdade era entendida como a possibilidade de que as trocas se dessem de modo espontâneo. O princípio de inteligibilidade do neoliberalismo passa a ser a competição: a governamentalidade neoliberal intervirá para maximizar a competição, para produzir liberdade para que todos possam estar no jogo econômico. Dessa maneira, o neoliberalismo constantemente produz e consome liberdade. Isso equivale a dizer que a própria liberdade transforma-se em mais um objeto de consumo (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009).

O deslocamento de uma governamentalidade centrada na naturalidade do mercado, que enfatizava o livre comércio, para uma governamentalidade centrada na competição está indissolúvelmente imbricado com um conjunto de transformações da sociedade contemporânea. Um primeiro efeito disso seria a passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores (Bauman, 2008). Quando Bauman fala em sociedade de consumidores, ele não quer dizer meramente que tem gente consumindo demais e que deveriam consumir de menos, ou seja, embora ele faça uma crítica a esse tipo de comportamento, seu objetivo não é aconselhar o que deveríamos fazer ou não, mas analisar a estrutura da nossa sociedade: “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.” BAUMAN, Z. (2008). Vida para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar. p.20.

Dizer que nossa sociedade é uma sociedade de consumidores significa dizer que o centro da

vida social é o consumo. Bauman escreve que o consumismo é um tipo de arranjo social, ou seja, não é apenas uma característica individual é um arranjo que transforma as vontades, desejos e anseios das pessoas na principal força propulsora e operativa da sociedade.

No livro o autor argumenta que o consumo organiza as relações sociais, ele possui um papel fundamental não só na formação das identidades das pessoas, mas também nas relações entre elas e mais do que isso o consumo muda a relação de como as pessoas vêem a si mesmas e de como elas projetam a sua imagem para os outros.

“O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (...) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis. (p.76)”

Isso quer dizer que na sociedade de consumidores o ato de consumir não tem como objetivo somente garantir a sobrevivência ou a satisfação dos desejos do consumidor, a novidade é que o consumo influencia outros aspectos da vida e isso se faz em termos de uma comodificação do consumidor. Em outras palavras, comodificar significa transformar em mercadoria. O argumento de Bauman é que o consumo transforma o consumidor em mercadoria. Essa é uma das principais teses de Bauman e que traz inúmeras consequências para a formação da identidade de cada um e para o convívio social.

3 - POSICIONAMENTO/ CONCLUSÃO

Analisando os conceitos e os argumentos dos autores citados percebe-se que na governamentalidade neoliberal a verdade é produzida seguindo a lógica mercantil. Posto isso, esse governo de condutas, é operacionalizado por meio de práticas de subjetivação, que se

manifestam pela produção de verdades que são absorvidas e interiorizadas pelos indivíduos, imprimindo uma espécie de código moral determinante de comportamentos que julgam corretos, normais e aceitáveis; em outras palavras, uma das ações da governamentalidade é a produção de subjetividades e a construção de sujeitos.

Para Bauman, esse processo de subjetivação na sociedade do consumo ocorre transformado o próprio indivíduo em mercadoria. Portanto, para participar do mercado e ganhar uma posição melhor as pessoas são estimuladas a entrar na competição e agregar valor a sua mercadoria, pois quando valorizadas podem vender-se por um preço mais caro, ganhar um preço maior.

E como valorizar a força de trabalho? Através de cursos, faculdades, diplomas e todas as coisas que se coloca no currículo para tornar a força de trabalho mais atraente. O currículo, por exemplo, é uma lista de especificações da mercadoria força de trabalho, é uma peça publicitária de si mesmo, um panfleto que diz tudo que se tem de bom. Assim como no anúncio do Iphone que mostram vantagens que o consumidor vai ter com o produto, o currículo mostra como a capacidades das pessoas vão contribuir para a empresa. É uma propaganda de si mesmo para os empregadores.

Sobre a venda de si mesmo, Bauman escreve: “as pessoas são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas” (BAUMAN, Z, 2008, p.13)

Essa visão de Bauman se comunica com a de Foucault quando ele diz que a relação entre indivíduo e trabalho é ressignificada de maneira correlata. O trabalho não é mais uma vocação,

uma forma de subsistência ou a venda de sua força de trabalho. É, dentro dos limites do neoliberalismo, uma conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada e calculada pelos indivíduos, cujo sentido encontra-se na produção da própria identidade e da satisfação pessoal (FOUCAULT, 2008b; GAULEJAC, 2007 apud Basilio, 2008).

Segundo Bauman, não é apenas no mundo do trabalho que as pessoas se portam como mercadorias, nesse contexto numa sociedade de consumidores a lógica de mercadoria de valorizar que algo que serve para ser vendido se expande para os outros aspectos das vidas das pessoas e a formação da identidade e personalidade.

Mais uma vez podemos fazer uma correlação entre os autores, visto que para Foucault o homo oeconomicus é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o homo oeconomicus parceiro da troca por um homo oeconomicus empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda.

O que o Bauman percebe é que as pessoas passam a desenvolver as suas habilidades, os seus gostos, o seu estilo de vida, o estilo de se vestir e de se portar em público pensando como uma mercadoria que você precisa vender. Isso quer dizer que numa sociedade de consumidores as pessoas só consegue desenvolver sua identidade consumindo e sendo consumidos. É preciso assimilar a lógica do consumo para desenvolver a sua identidade.

4. REFERÊNCIAS



ALCADIPANI, R. Dinâmicas de poder nas organizações: a contribuição da governamentalidade. *Comportamento Organizacional e Gestão*, v.14, n.1, p. 97-114, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GRUDTNER B., Tássia. *A governamentalidade neoliberal e o empresário de si mesmo: uma perspectiva do pensamento foucaultiano nas relações de dominação em uma organização*. Florianópolis, 2018.

SARAIVA, Karla.; VEIGA-NETO, Alfredo. *Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea*. Educação & Realidade, 2009.